

VILA VELHA, ES, 24 DE NOVEMBRO DE 2000

*Meu caro amigo e Governador José Ignacio, Dona Maria Helena, Ministros, Senadores, Deputados, Prefeitos, dirigentes empresariais, enfim, Senhoras e Senhores,*

Tenho andado muito pelo Brasil. Tenho ouvido muitos discursos. Tenho ouvido referências generosas a mim. Nunca as ouvi de uma maneira tão entusiasmada, tão – eu diria – generosa, tão superlativa, portanto, algo exagerada, como ouvi, agora, aqui, do Governador José Ignacio. São palavras de alguém que realmente expressa, como ele disse, ao finalizar, um profundo sentimento de gratidão e de lealdade, que vai além daquilo que ele recebeu, muito além daquilo que ele recebeu.

Se alguma coisa se faz neste país, e quando se faz, não é porque o Presidente Fernando Henrique ou o Governo Federal concede, não é porque desejamos – e nós desejamos – mas quando se faz é porque se encontra o terreno fértil para que as coisas aconteçam. O Espírito Santo de José Ignacio é um terreno fértil para o progresso do Espírito Santo, do Brasil, para que possamos, efetivamente, como ele disse,

com palavras que saem do coração, com as mãos no trabalho, trabalhar, mas sonhando e olhando o futuro.

Essa qualidade rara, Dona Maria Helena, de alguém que, como José Ignacio, trabalha obstinadamente, que cada detalhe – eu sei muito bem – é tratado pessoalmente por ele, dá a impressão de que tal empenho esgotará toda a sua energia. E, de repente, se vê que não. Ele propõe novas coisas, porque tem horizonte e porque acredita, porque tem fé. Também, governa um estado cujo nome é Espírito Santo. E é com esse mesmo espírito santo que os capixabas estão construindo um novo estado para este novo Brasil.

Venho aqui com muita alegria. Ao chegar aqui, fui logo perguntando ao governador a profundidade dos canais, o potencial exportador. Eu sei, conheço os dados. Não vou me referir a tudo que ele já disse que existe, que está sendo feito por ele, pelos Senhores, por todos. Mas, ao chegar aqui, vi mais essa iniciativa, que é fruto, agora, do entusiasmo dele, deste novo Brasil que é verdade que existe, e dos empresários que acreditam nele e dos trabalhadores cujas mãos apertei. É fruto disso. É fruto de um país que não aceita a discórdia, o ódio, o sentimento menor, a pequenez da alma como se fosse motivadora da sua ação.

Este estado é um estado que acredita, que tem grandeza, que se realiza por isso. E este terminal que inauguramos é a expressão concreta disso. Tomara, Governador – e tenho certeza – que tudo mais que foi aqui mencionado e dito se concretize, e em pouco tempo.

Sabe o Governador, sabem os capixabas que o Governo Federal fará o possível e o impossível para que os projetos que foram mencionados se tornem realidade, como, hoje, é realidade este porto.

São projetos, como disse o Governador, estruturantes. É verdade. São projetos que têm alcance social, como os das casas populares. E curioso: o aplauso veio mais forte para as casas populares do que para o aço que vai ser exportado. Isso não quer dizer que não precisemos do aço, nem que menosprezemos a exportação. Mas isso quer dizer que os brasileiros, hoje, têm a consciência plena de que não basta crescer na economia. É preciso melhorar a vida de cada cidadão, de cada brasileiro, de cada brasileira.

E é esse o conteúdo social do programa do Governador José Ignacio. Nunca ouvi, com tanta generosidade, um desenho do que estamos tentando fazer no Brasil. Mas ele, aqui, ao fazer esse desenho, mostrou que nós rompemos com uma ordem antiga, velha, viciada, incapaz de atender efetivamente ao futuro do País e enganando o presente com promessas que nunca se podiam cumprir, a começar porque a inflação corroía todos os salários que eram recebidos.

Nós mudamos esse Brasil. Mas nós mudamos o Brasil e este Brasil novo – que não é só porque nós o mudamos, é porque o mundo também é novo, porque a logística, porque a Internet, porque as comunicações exigem, hoje, uma nova postura, porque a população se informa, de imediato e em tempo real, de tudo que está acontecendo e, portanto, reclama, reivindica este Brasil novo – exige de nós, governantes, que agora olhemos com mais cuidado para cada pessoa, para cada mulher, para cada homem, cada idoso, cada jovem, cada criança. E isso está sendo feito também.

Essas obras todas que estão sendo feitas só têm sentido na construção de uma Nação quando são feitas com o propósito de realmente transformar o espírito da sociedade, as mentes – como disse o Governador – e os corações também. Corações cada vez mais generosos, porque portados por pessoas que têm já talvez uma vida melhor para que possam, efetivamente, dar margem a que seu espírito seja um espírito de generosidade.

Este novo país que estamos construindo é um país que, como disse Vossa Excelência, tem orgulho de si mas é humilde, porque sabe que falta fazer. Sabe que nós estamos numa parte do planeta que exige um esforço maior, para que nos igualemos aos outros que estão mais próximos dos centros de desenvolvimento. Por isso, a logística é, sim, importante. Sabe que nós precisamos avançar muito na tecnologia, na educação, para que possamos superar as nossas deficiências, que ainda são muitas.

Mas é um país que aprendeu – a duras penas – que para alcançar efetivamente o progresso, o bem-estar, não se pode dizer sim a cada demanda. Por isso, é um país muito duro para quem governa. Porque o governante tem que ser um homem capaz de dizer “não” a

demandas que, muitas vezes, são justas, mas que não há recursos para defendê-las. E, portanto, dizer “não” ao que é justo é muito duro. Porém, se não se disser “não” ao que é justo, para tornar possível, amanhã, a justiça, ao se dizer “sim”, simplesmente se engana aquele que pensa que está sendo atendido e está é sendo logrado pela fraqueza moral do governante, que cede a tudo.

Governante que se preza, como se preza o Governador José Ignacio, faz o que ele fez aqui. Disse não muitas vezes e colocou em ordem as finanças públicas que estavam em situação desesperadora. Eu era Presidente, em administrações anteriores. Vi os efeitos das cabeças voltadas para o passado. Vi o que significa ter palavras fortes, demagógicas, de que as coisas são fáceis, de que é preciso atender já ao povo. Isso significou, no caso, aqui, uma desordem administrativa quase sem precedentes, na História do Brasil.

E essas mesmas forças, muitas vezes, voltam e tratam de apresentar o esforço hercúleo desse povo brasileiro, para se colocar à altura do novo século, como se isso fosse um passo atrás, quando o passo atrás é ficar marcando passo e ficar voltando sempre aos mesmos temas e teses de um passado que não deu certo.

Mas o futuro que está sendo construído neste presente vai dar certo. Esse povo brasileiro sabe, já experimentou, muitas vezes, equívocos políticos e não vai aceitar mais palavras que apenas enganam.

Para nós construirmos essa nova ordem – e disse bem o Governador – foi preciso muita luta, luta de muita gente. Não apenas os que estamos aqui. Porque muitos de nós que se opuseram ao autoritarismo, refizemos um Estado de democracia, um Estado de Direito, com a Constituinte. Refizemos a economia. Quanto nos custou dar um passo tão importante quanto a quebra do monopólio do petróleo! E, não obstante, no Brasil inteiro houve protesto contra isso. E eu, que fui daqueles que lutaram pelo “O petróleo é nosso”, como meu pai, e que entendi que os tempos eram outros, mantive firme a idéia de que não era para acabar com a Petrobras. Era para torná-la mais capaz, mais competente e mais próspera e mais rica, como ela é hoje. Abrindo-se, não temendo a competição. Não somos mais um país

colonial, nem colonizado, nem com a mentalidade atrasada de quem tem medo da competição e do progresso. Não.

Por isso, há muitas possibilidades mais de desenvolvimento hoje. Hoje, e já o disse o Governador, depois de tantas crises, já mencionadas, tantas turbulências, o Brasil encerra este ano de 2000 voltando a crescer. Voltando a crescer porque, hoje, os dados mostram que, nos primeiros três trimestres deste ano, crescemos 3,89%. Vamos superar os 4%, como eu dizia lá atrás.

E quantos desses que só vêem obstáculos, chorões, que ficam o tempo todo pregando a tragédia, dizendo: “Não, isso é conversa fiada, não pode, porque vai ter crise aqui, ter obstáculo ali, porque o câmbio, porque não-sei-o-quê-lá, porque não é possível”. É possível, foi possível e nós voltamos a crescer. A indústria está crescendo a 6,5%, este ano.

A safra agrícola em curso foi a maior safra agrícola da nossa História. E a safra do ano que vem, se chover, será ainda maior que a deste ano, porque a área semeada aumentou. A quantidade de ingredientes para produzir melhor, de fertilizantes, aumentou e muito. A compra de equipamentos agrícolas aumentou 50% em um ano e, portanto, nós temos condições de crescer mais.

Há poucos dias, eu dizia que em 1990, 91, nós produzíamos mais ou menos cinquenta e poucos milhões de toneladas de grãos. Este ano, serão 84 milhões. Eu gostaria muito de terminar o meu mandato produzindo algo próximo de 100 milhões de toneladas de grãos. Dobrar a produção agrícola em dez anos. Nós estamos fazendo isso.

Não faltarão aqueles que vão dizer que a agricultura está indo para trás. Não, está avançando. E isso, sem prejuízo de termos feito o que está sendo feito hoje, é a maior reforma agrária contemporânea. Desapropriamos 16 milhões de hectares de terra. Não obstante, se forem à rua, verão sempre um grupinho dizer que o Governo não faz nada, em matéria de terra. Fez mais que em toda a História do Brasil. E não deixou de olhar para o setor produtivo capitalizado.

Governador, nós vamos continuar nesse caminho. Vamos continuar crescendo, vamos continuar aumentando a exportação – e dis-

so precisamos fortemente. Essa agora, talvez, seja a tônica dos meus próximos dois anos de mandato, na área econômica.

Mas isso só será feito se nós continuarmos a contar com o apoio de gente como Vossa Excelência. De gente que foi capaz de, em pouco tempo, fazer aquilo que é o mais importante na formação de uma Nação e de um povo, que é devolver a autoconfiança. O que o Brasil hoje precisa é acreditar mais, é mais autoconfiança. É saber que já demos os passos necessários para cortar os nós górdios, que impediam o nosso crescimento.

Vossa Excelência fez isso aqui. Restabeleceu a confiança do povo no Governo, no Estado. E fez com que houvesse respeito à lei e à ordem, respeito democrático, que não é imposto, mas que vem de dentro, que vem da convicção de que, sem lei e sem ordem não há possibilidade dos avanços que todos almejamos.

Vim ao Espírito Santo, hoje, com muita alegria para poder agradecer a sua lealdade constante, o seu apoio constante. E devo dizer que, no Congresso Nacional, os Senadores do Espírito Santo sempre nos apoiaram. Os Deputados da bancada do Espírito Santo sempre apoiaram o Governo, também. E estendo, portanto, a todos eles, os meus agradecimentos.

Mas, se eu venho hoje, aqui, para, digo, uma vez mais, agradecer, venho, também, para buscar mais força, mais inspiração. Venho, também, para sentir que a crença que tenho é compartilhada. Porque ninguém governa sozinho. Aqueles que falam – e falam com tanta freqüência – na solidão do poder, é porque nunca governaram. Quando o poder é solitário, ele morre. O poder democrático, o poder verdadeiro, se mantém quando ele encontra no outro a repercussão do que ele está fazendo. E eu encontro no Espírito Santo essa repercussão. Eu encontro em Vossa Excelência, ao vê-lo, ao olhá-lo, ao vê-lo trabalhar, a repercussão daquilo que penso que deva ser o nosso Brasil do presente e do futuro.

É, portanto, com essas palavras – emocionado, Governador, Dona Maria Helena –, emocionado, que eu quero dizer que possa o Espírito Santo sempre ter homens como José Ignacio Ferreira. Que possa o

Brasil contar com Governadores do seu talento, do seu empenho. E, aí, não tenho dúvida: esta obra que generosamente Vossa Excelência desenhou, aqui, como se fosse minha, mas que é nossa, vai se realizar, e o Brasil será – como há de ser – um grande país para o seu povo e não só para os seus governantes.

Muito obrigado.

